

PRÉ-PROJETO DE TESE

CRISE E COLAPSO DA CIVILIZAÇÃO CAPITALISTA

Um estudo sócio-econômico sobre a auto-destruição criativa do capitalismo como consequência do esgotamento da reprodução ampliada - Capital a partir do pensamento de Jorge Beinstein

Luiz de Carvalho
Brasil

“O processo de produção capitalista, considerado como um todo articulado ou como processo de reprodução, produz por conseguinte não apenas a mercadoria, não apenas a mais-valia, **mas produz e reproduz a própria relação capital**”[...] (K.161).

Incertidumbre es la palabra que mejor define el clima psicológico actual, todos los precedentes capitalistas de esta crisis se han demostrado inservibles a la hora de entender lo que esta sucediendo. La imagen de la “terra incognita”, del ingreso a un territorio desconocido se va imponiendo entre las elites de las grandes potencias, en un artículo reciente aparecido en “The Independent” Jeremy Walker resum bastante bien esa nueva percepción: “Nos encontramos en un mar desconocido, nadie sabe hacia donde vamos. lo único que sabemos es que la tormenta económica prosigue su marcha” .(JORGE BEINSTEIN)

INTRODUÇÃO

Em artigo que escrevi, “A Dinâmica da Acumulação do Capital”, proponho a questão crucial que diz respeito a possibilidade da reprodução do capitalismo enquanto civilização como vem defendendo o Dr. Jorge Beinstein. Trata-se de saber o “ponto ótimo” ou de equilíbrio de gestão entre o crescimento exponencial dos rendimentos financeiros e a taxa decrescente dos investimentos produtivos? A essa questão o Prof. Jorge Beinstein assegura que estamos no centro de um processo de transformação com precedentes, guardadas as devidas diferenças:

A autodestruição aparece como a culminação do declínio e abrange toda a civilização burguesa não como um fenômeno "estrutural", mas como uma totalidade histórica com toda a sua herança em suas costas: cultural, militar, produção, institucional, religioso, tecnológico, moral, científico, etc [...]Decadência geral, muito mais do que "crise" (crises parecem estar acontecendo como turbulência, choques no curso da doença), o fenômeno inclui as duas configurações básicas do sistema: a central (imperialista, "desenvolvida" rico) e periférica ("subdesenvolvida" pobres em todo o mundo, "pop" ou submerso, com a sua áreas dependentes de extrema pobreza e prosperidade).

A partir daí o Prof. Jorge Beinstein vai compondo o movimento processual do colapso como quem está mergulhado em seu turbilhão. Percebe-se observações aparentemente desconectadas de rachaduras ora mais lentas ora mais velozes, como natureza propriamente prática de uma dinâmica elástica em vias de reinvenção/conservação. Em termos de magnitude, o capitalismo parasitário revela sua absurdidade. Mas em termos qualitativos assim coloca o Prof. Jorge Beinstein:

Não é apenas uma crise financeira, mas também de energética, alimentar e ambiental. E, segundo a qualidade, a situação se apresenta ainda mais dramática para as próximas gerações.

Há sempre aqueles que pensam que o capitalismo está aqui para ficar. É uma utopia conservadora reforçada por um sistema que a partir de suas origens conseguiu superar todas as crises de superprodução. O problema é que a partir da década de 70 começam a se manifestar elementos que não são apenas crises de superprodução, mas subprodução, embora nos velhos debates foi considerado que estas crises tenham desaparecido junto com o início do capitalismo de civilizações.

Daí se conclui que a totalidade de produção de energia de todas as matrizes vem decrescendo desde a década de 80 por habitante no planeta e que os chamados biocombustíveis, não computados como alimentos, mas como insumo para produção, provoca a queda da produção de alimentos por habitante no nível mundial além do esgotamento da terra com o chamado agronegócio e de quebra uma inflação global impenitente como nuvem negra da vingança dos deuses do Olimpo sob Hades.

Há, em torno dessa situação de colapso e pessimismo neoliberal assumido, uma incerteza do que virá, mas uma profunda convicção de que o capitalismo está em declínio produtivo incluindo aí o campo de sua concepção propriamente epistêmica. É que, ao que está em vias de acontecimento como transformação e criação de outras sociabilidade, apenas se torna possível, em sistemas complexos, no *campo imaginário*. Nessas condições, abrimos um parêntese por assim dizer epistemológico, antecipando nossas perspectivas. O que queremos dizer com *campo imaginário* é que, em *espaços normados* os sistemas sempre retornam ao equilíbrio e se mantêm em seus ciclos de reprodução como eterno retorno do mesmo. Nesses espaços, as matérias de que são constituídos sofrem a rigidez próprio do espaço de Hilbert no campos dos reais e que a reinvenção do novo como textura social do espaço de sociabilidade só é possível fora desse campo. Tomamos aqui como referência a teoria dos sistemas longe do equilíbrio onde a possibilidade da temporalidade social e humana são uma realidade e que aí não há separação entre matéria e criatividade. No não equilíbrio a matéria torna-se ativa e criativa. Matéria ativa e criativa nos sugere uma outra quebra de simetria, dessa vez no campo epistemológico onde abandonamos a ideia de adequação à realidade de um empirismo ingênuo auto-centrado de um sujeito constituído, para um realismo plural, de um pragmatismo que se constitui

em interação sem objeto e sem centro. O que chamamos de lei aqui, recebe uma significação já presente na intuição de Marx como *lei tentencial*. A partir daí, entramos na concepção de Braudel sobre a Dialética da Duração para apreender, como vertigem, a *lógica dinâmica* do Prof. Jorge Beinstein e seu diagnóstico a respeito da tendência de colapso geral dos ciclos da formação capitalista e sua coesão social dramática até o presente. Ou seja:

A dialética da duração de Braudel consiste em uma perseguição ao tempo coletivo, ultrapassar o indivíduo e o evento sem negá-los, já que os integra em uma realidade mais complexa. As estruturas são elementos da longa duração, lentos, aparentemente imóveis, contínuos, permanentes; sustentam as oscilações cíclicas do tempo médio e exercem sobre os eventos uma contenção. O tempo médio é constituído pelas conjunturas, ciclos e interciclos que podem potencializar-se ou anular-se reciprocamente, dando uma impressão de imobilidade que o olhar do tempo longo vai esclarecer, permitindo a visualização do curso irreversível do tempo histórico. É esta perspectiva que vai possibilitar a explicação do evento, do tempo curto, que, junto com os tempos longo e médio, compõe a dialética da duração[...]e das mudanças com quebra de simetria e constituição de novas formas de sociabilidade. (grifo nosso).

Entretanto, haverá necessidade de um ajustamento, por assim dizer de analítica Lagrangeana e não do imanentismo de Moische Postone, para apreender os processos dinâmicos como unidade diacrônica em seus formatos e ciclos históricos tal como desenvolvidos na obra do Prof. Jorge Beinstein, ou seja, de como os ciclos formam temporalidades homogêneas e quando e como apresentam temporalidade divergentes e até que ponto tais temporalidades divergentes são robustas para gerar outras formas de sociabilidades.

Seguindo observações presentes no conceito de *reprodução ampliada negativa* de Jorge Beinstein, que integra modalidades de socialização do processo de colapso capitalista desde a *economia de guerra permanente* ou *Keynesianismo militar e da estratégia do caos periférico*, corroborados pelas teorias da *governabilidade securitária* de Frédéric Gros, o *capitalismo de desastre* de Naomi Klein e o *Estado de exceção* de Giorgio Agamben, colocamos as seguintes questões concernentes à experiência vivida no capitalismo atual e as perspectivas de reinventar outras sociabilidades. Como se dão as experiências de violência social como sociabilidade de colapso em andamento, e de como essa sociabilidade vem se

impondo como razão de Estado que se nutre do medo sobre a esfera da vida ? Existe possibilidade de êxito das ditas *contra tendências* do colapso sistêmico como textura de coesão social e sua engenharia política de mudanças regressivas renovar um outro ciclo de crescimento? É possível reverter a força da quebra de simetria sistêmica? Para o Prof. Jorge Beinstein, as condições que possibilitavam um retorno da reprodução ampliada do capital esgotaram-se:

[...]Isto me permite trabalhar com a hipótese de que, assim como ocorreu há cerca de um século com os ciclos decenais de Juglar, podemos atualmente sustentar que os longos ciclos de Kondratieff perderam validade científica. A fase decrescente do quarto Kondratieff foi triturada pela nova realidade. A economia mundial completamente hegemônica pelo parasitismo financeiro obedece a uma dinâmica radicalmente diferente da vigente durante a era do capitalismo industrial.(Beinstein,J).

No entanto, a perspectiva de impossibilidade da reprodução ampliada em modelo de capitalismo industrial deve ceder a uma acomodação meio indefinida, o que nos remete à lei tendencial aqui empregada pelo Prof. Jorge Beinstein a propósito da questão da possível reversão:

O que foi feito a partir de '70 até agora foi simplesmente amortecer a crise. Agora eu não estou dizendo que esta situação leva a um colapso imediato do sistema. É um processo de decadência que pode ser regulada, mas não retorna a velha prosperidade.

Um outro aspecto das observações do Dr. Jorge Beinstein diz respeito a *sobrecodificação do capital abstrato* que se sobrepõe aos Estados impedindo, como se tem visto nos países do centro, um possível retorno Keynesiano de política econômica. Por outro lado, pode-se dizer que o capital abstrato se constitui em Estado-Capital, no qual a forma abstrata do capital se impõe como unidade auto-centrada implementando políticas de constituição da vida ao longo de sua história, passando pela destruição de valor até o capitalismo administrado com a exceção-emergência ou *estratégia do caos periférico* como impasse da reprodução ao íntimo da produção de subjetividade como diz Felix Guattari.

Mas finalmente o desenvolvimento das forças produtivas universais, até chegar a sua degeneração parasitária-financeira atual, terminou por transbordar seus reguladores estatais, submergindo-os na

maior de suas crises. O neoliberalismo aparentou ser a expressão de uma globalização superadora dos estreitos capitalismos nacionais; na realidade, tratava-se de vigoroso monstro financeiro devorando a seu pai estatal-productivo-keynesiano. Agora, encurralados pela crise, os dirigentes das grandes potências retornam ao intervencionismo estatal que resulta impotente ante a maré financeira.(Beinstein,J.)

Portanto, um mergulho nos diagnósticos dinâmicos da lógica do colapso do capitalismo segundo Jorge Beinstein e suas nuances específicas dos modos de mudanças regressivas sócio-economicamente, mostra-se fundamental, ou seja, que não estamos mais em uma crise, mas em uma zona de bifurcação entre o passado e o por vir:

Em suma: a crise crônica de superprodução começaram há quatro décadas está agora a transformar em uma crise geral de subprodução na incapacidade do sistema para continuar crescendo bloqueada por diferentes "tetos" (energética, financeira, ambiental ...) impulsionado por seu próprio impulso devorar a base estrutural de sua existência, a desordená-las cada vez mais. Autofagia do ritmo difícil de prever pela sua natureza global e seu alto nível de recursos tecnológicos que não podem ser comparados com os declínios de civilizações anteriores (só é possível estabelecer alguns poucos paralelos).

Prognóstico atual é incrivelmente formulada por Marx e Engels no surgimento do capitalismo juventude (Marx-Engels, "A Ideologia Alemã", 1845-1846): "Dado um certo nível de desenvolvimento das forças produtivas, aparecem forças produtivas e meios de comunicação de tal forma que, nas condições existentes apenas causam desastre, não mais em produção, mas forças de destruição "(4). De fato, a magnitude do desastre, o seu aspecto escatológico da destruição dos fundamentos do prognóstico de sobrevivência humana subem a níveis que, provavelmente, não são imaginados pelos jovens autores.

Objetivo Geral

Desenvolver a Dinâmica Social e econômica do atual processo de crise e colapso da Civilização Capitalista a partir do pensamento de Jorge Beinstein, fazendo uma aproximação de sua perspectiva conceitual e instrumentos de diagnóstico com as teorias sociais contemporâneas que põem o bimômio EXCEÇÃO-EMERGÊNCIA como engenharia de gestão e coesão da textura social do capitalismo e a

possibilidade quebra de simetria temporal enquanto teoria qualitativa do processo de auto-destruição criativa Pós-Capitalista.

Objetivos específicos

Fazer uma correlação entre reprodução ampliada negativa e o binômio exceção-eremergência como sociabilidade da guerra civil permanente do capitalismo atual;

Mostrar, de um ponto de vista epistemológico, que há possibilidades de desenvolver uma correlação exitosa entre sistemas dinâmicos instáveis com quebra de simetria temporal de Ilya Prigogine e as teorias sócio-econômicas nas condições do capitalismo segundo Jorge Beinstein e suas perspectivas pós-capitalistas.

Justificativa

Em “The economics of Global Turbulence”, Robert Brenner demonstra que a economia mundial está estagnada há trinta anos e mostra também a ilusão de que o problema dos ciclos econômicos foi solucionado e deixado para trás, trata-se de pensar o porque da persistência do declínio desde os anos 1970, queda da taxa de lucros, superprodução e etc. Entretanto, Brenner não tematiza a questão das mudanças históricas qualitativas na sociedade capitalista e suas texturas de sociabilidades. Como vimos no início desse anti-projeto, a produção capitalista não é só econômica, mas produção de subjetividade e essa se dá como reprodução global de relações estruturadoras de sociabilidades e isso conforme temporalidades costumeiras que tem a acumulação como princípio, meio e fim de acordo com suas possibilidades qualitativas históricas, lógicas, e dinâmicas.

A possibilidade de convergência entre teoria qualitativa da complexidade longe do equilíbrio, e as teorias do Prof. Jorge Beinstein sobre a dinâmica do capitalismo, para um esclarecimento epitêmico e as mudanças históricas, nos parece bastante promissora pelo fato mesmo de que, como não há saber sem poder, conforme Michel Foucault, a luta não se dá apenas pelo conteúdo do discurso, mas pelo próprio discurso. Com isso, deixamos de lado as separações históricas entre prática e discurso, dentro e fora, matéria e ideia, corpo e consciência e nos empoderamos, enquanto saber, das condições de constituição de si e das relações de forças que nos atravessam e, a partir desse envolvimento, expressar uma abordagem que privilegie a complexidade das mudanças qualitativas sócio-econômicas, tomando as atuais condições de incertezas do sistemas em declínio como instância de questionamento sobre a continuidade ou mudança do capitalismo como nosso principal objetivo de trabalho.

A importância deste trabalho também está na necessidade de esclarecer pontos epitêmicos tais como matéria expressiva e produção de subjetividade, quebra de simetria e a possibilidade de constituir outras sociabilidades em contextos de singularização como novos espaços sócio-econômicos a partir de

indicações da teoria de Jorge Beinstein. Isso não só nos auxiliaria na compreensão de nosso tempo como também nos desacomodaríamos em apenas ser.

Bibliografia

Works Cited

- Alberto Romero. *Globalización Y Pobreza*. Juan Carlos Martínez Coll. 2002.Print.
- Barbara Beinstein. "International Political Economy Research Group Members." (2010). Print.
- David Harvey, Adail Ubirajara Sobral. *Condição pós-moderna*. Edicoes Loyola. 2003.Print.
- DAVID HARVEY, ADAIL UBIRAJARA SOBRAL. *Novo imperialismo (O)*. Edicoes Loyola. 2004.Print.
- DAVID HARVEY, JOAO ALEXANDRE PESCHANSKI. *O enigma do capital*. Boitempo Editorial. Print.
- David Harvey. *A Brief History of Neoliberalism*. Oxford University Press. 2005.Print.
- David Harvey. *Spaces of Global Capitalism*. Verso. 2006.Print.
- FLÁVIO FERREIRA DE MIRANDA. "A CRISE DO CAPITAL FICTÍCIO: ELEMENTOS PARA O DEBATE." (2011). Print.
- FREDERIC GROS, JOSE AUGUSTO DA SILVA. *ESTADOS DE VIOLENCIA*. Print.
- Francis Wheen. *O Capital de Marx*. Zahar. Print.
- G. Nicolis, Ilya Prigogine. *Self-organization in nonequilibrium systems*. John Wiley & Sons. 1977.Print.
- ISTVAN MESZAROS, ANA COTRIM, VERA COTRIM. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. Boitempo Editorial. 2007.Print.
- István Mészáros. *A crise estrutural do capital*. 2009.Print.
- ISTVAN MESZAROS, RICARDO ANTUNES, PAULO CEZAR CASTANHEIRA, SERGIO LESSA. *Para além do capital*. Boitempo Editorial. Print.
- Ilya Prigogine. *Ciência razão e paixão*. 2001.Print.
- Ilya Prigogine, ROBERTO LEAL FERREIRA. *O fim das certezas*. UNESP. 1996.Print.
- ILYA PRIGOGINE, ROBERTO LEAL FERREIRA. *As leis do caos*. UNESP. Print.
- IVANA JINKINGS, Vários, RODRIGO NOBILE. *István Mészáros e os desafios do tempo histórico*. Boitempo Editorial. Print.
- Jorge Beinstein. *Capitalismo senil*. 2001.Print.
- Jorge Beinstein. "Los primeros pasos de la megacrisis." Print.
- Jorge Beinstein. "Acople depresivo global (radicalización de la crisis)." Print.
- Jorge Beinstein. *La larga crisis de la economía global*. 1999.Print.
- Jorge Beinstein. *El largo crepúsculo del capitalismo*. 2009.Print.
- Kurt Dopfer. *The Evolutionary Foundations of Economics*. Cambridge University Press. 2005.Print.
- Maria de Lourdes Rollemberg Mollo. "Financeirização como desenvolvimento do capital fictício : a crise financeira internacional e suas conseqüências no Brasil." (2011). Print.
- Moishe Postone, Louis Galambos, Jane Eliot Sewell. *Time, Labor, and Social Domination*. Cambridge University Press. 1995.Print.
- Naomi Klein, Vania Maria Cury. *A Doutrina do choque*. 2008.Print.
- Paulo Eduardo Arantes. *Ressentimento da dialética*. 1996.Print.
- Paulus Gerdes. *Os Manuscritos Filosófico-matemáticos de Karl Marx Sobre O Cálculo Diferencial. Uma Introdução*. Lulu.com. 2008.Print.
- Pierre Bourdieu, Craig Calhoun, Edward LiPuma, Moişhe Postone. *Bourdieu*. University of Chicago Press. 1993.Print.
- Robert Brenner. *The Economics of Global Turbulence*. Verso. 2006.Print.
- Robert Albritton, Bob Jessop, Richard Westra. *Political Economy and Global Capitalism*. Anthem Press.

2010.Print.

Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política. 2001.Print.

Um modo de ser moderno. Editora Cosac Naify. 2004.Print.

Works Cited

Alberto Romero. *Globalizacion Y Pobreza*. Juan Carlos Martínez Coll. 2002.Print.

Barbara Beinstein. "International Political Economy Research Group Members." (2010). Print.

DAVID HARVEY,ADAIL UBIRAJARA SOBRAL. *Novo imperialismo (O)*. Edicoes Loyola. 2004.Print.

David Harvey. *A Brief History of Neoliberalism*. Oxford University Press. 2005.Print.

David Harvey,Adail Ubirajara Sobral. *Condição pós-moderna*. Edicoes Loyola. 2003.Print.

DAVID HARVEY,JOAO ALEXANDRE PESCHANSKI. *O enigma do capital*. Boitempo Editorial. Print.

David Harvey. *Spaces of Global Capitalism*. Verso. 2006.Print.

Francis Wheen. *O Capital de Marx*. Zahar. Print.

FLÁVIO FERREIRA DE MIRANDA. "A CRISE DO CAPITAL FICTÍCIO: ELEMENTOS PARA O DEBATE." (2011). Print.

FREDERIC GROS,JOSE AUGUSTO DA SILVA. *ESTADOS DE VIOLENCIA*. Print.

Giovanni Arrighi. *El largo siglo XX*. Ediciones AKAL. 1999.Print.

G. Nicolis,Ilya Prigogine. *Self-organization in nonequilibrium systems*. John Wiley & Sons. 1977.Print.

Giovanni Arrighi. *Caos y orden en el sistema-mundo moderno*. Ediciones AKAL. 2001.Print.

ISTVAN MESZAROS,ANA COTRIM,VERA COTRIM. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. Boitempo Editorial. 2007.Print.

ISTVAN MESZAROS,RICARDO ANTUNES,PAULO CEZAR CASTANHEIRA,SERGIO LESSA. *Para além do capital*. Boitempo Editorial. Print.

István Mészáros. *A crise estrutural do capital*. 2009.Print.

ILYA PRIGOGINE,ROBERTO LEAL FERREIRA. *As leis do caos*. UNESP. Print.

Ilya Prigogine,ROBERTO LEAL FERREIRA. *O fim das certezas*. UNESP. 1996.Print.

IVANA JINKINGS,Vários,RODRIGO NOBILE. *István Mészáros e os desafios do tempo histórico*. Boitempo Editorial. Print.

Ilya Prigogine. *Ciência razão e paixão*. 2001.Print.

Jorge Beinstein. *Capitalismo senil*. 2001.Print.

Jorge Beinstein. "Los primeros pasos de la megacrisis." Print.

Jorge Beinstein. "Acople depresivo global (radicalización de la crisis)." Print.

Jorge Beinstein. *La larga crisis de la economía global*. 1999.Print.

Jorge Beinstein. *El largo crepúsculo del capitalismo*. 2009.Print.

Kurt Dopfer. *The Evolutionary Foundations of Economics*. Cambridge University Press. 2005.Print.

Maria de Lourdes Rollemberg Mollo. "Financeirização como desenvolvimento do capital fictício : a crise financeira internacional e suas conseqüências no Brasil." (2011). Print.

Moishe Postone,Louis Galambos,Jane Eliot Sewell. *Time, Labor, and Social Domination*. Cambridge University Press. 1995.Print.

Naomi Klein,Vania Maria Cury. *A Doutrina do choque*. 2008.Print.

Paulo Eduardo Arantes. *Ressentimento da dialética*. 1996.Print.

Paulus Gerdes. *Os Manuscritos Filosófico-matemáticos de Karl Marx Sobre O Cálculo Diferencial. Uma Introdução*. Lulu.com. 2008.Print.

Pierre Bourdieu,Craig Calhoun,Edward LiPuma,Moishe Postone. *Bourdieu*. University of Chicago Press. 1993.Print.

Robert Brenner. *The Economics of Global Turbulence*. Verso. 2006.Print.

Robert Albritton,Bob Jessop,Richard Westra. *Political Economy and Global Capitalism*. Anthem Press. 2010.Print.

Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política. 2001.Print.

Um modo de ser moderno. Editora Cosac Naify. 2004.Print.